

# ILUSTRACÃO POPULAR



CHRONICA SEMANAL

REDIGIDA POR UMA SOCIEDADE D'HOMENS SEM LETTRAS

PROPRIETARIO — HUMBERTO S. PINTO

CORRESPONDENCIA À LIVRARIA POPULAR, R. AUGUSTA, 222 — LISBOA

PUBLICA-SE ÀS QUINTAS-FERAS

PREÇO POR ANNO OU 52 N.º 1.000 RÉIS — CADA N.º 20 RÉIS

ANNO 1.º LISBOA, 28 DE AGOSTO DE 1884 NUMERO 9



RUA DA LEGAÇÃO DE FRANÇA — PEKIN



## CHRONICA DA SEMANA

SUMMARY—Manifestação a Manoel Fernandes Thomaz—Crimes celebres—O incendio do chalet do Rato—Os professores d'instrução primaria.

**O** DIA 24 d'agosto amanheceu triste. No azul do firmamento destacavam-se largas manchas escuras e de espaço a espaço cahiam grossas pingas de chuva.

Nas ruas da baixa, não se via um policia e a população inquieta e curiosa ia-se aglomerando nas proximidades do Cemiterio dos Prazeres, onde, na opinião de muita gente sensata, iam passar-se acontecimentos memoraveis.

E á mente de muitos acudiam as lembranças sinistras do morticinio dos Huguenotes e outras scenas de lucto, que são uns grandes pontos negros, que marcam igual dia, na historia, nem sempre alegre, da humanidade.

Mas porque eram esses receios dos pacificos cidadãos da capital?

Porque ia depôr-se uma corôa no tumulo do grande patriota de 1820—Manoel Fernandes Thomaz—e porque essa cerimonia era promovida pelo partido republicano.

Seramente, não comprehendemos.

A manifestação era e foi republicana, porque os partidos monarchicos não quizoram fazel-a, como devia ser, uma festa nacional.

Nós entendemos que o governo e todos os homens liberaes, sem distincção de partidos, tinham obrigação de associar-se áquella ideia e concorrer para que ella se traduzisse em uma cerimonia imponente e entusiastica, porque era uma homenagem prestada á memoria de um dos vultos mais salientes d'essa época, que foi o crepusculo da nossa emancipação politica, a aurora do grande dia das liberdades, que disfructamos.

Felizmente esses receios presagos não tiveram fundamento e a cerimonia verificou-se com a gravidade, que o acto reclamava, sem um incidente sequer que alterasse a ordem ou promovesse a repressão, por parte da força publica, que tinha instrucções para ser severa com os que não fossem prudentes.

×

Tem uma chronica celebre nos annaes do crime o mez, que vae correndo.

A imprensa tem relatado os promenores d'esses factos, que revelam o elevado grau da malvadez dos assassinos e os poucos recursos de que dispõe o poder judicial para averiguar quem foram os criminosos.

Proximo de Bellas foi morto um homem e para esconder o crime o auctor ou auctores d'elle largaram fogo a um matto, para onde tinha sido arrastado o cadaver, se não foi alli o local do assassinato.

A policia inteirada do facto tem procedido a averiguações para descobrir o facinora e até á hora em que escrevemos estas linhas, não pôde ser descoberto.

Parece incrível que ás portas da capital, em um lugar proximo de uma povoação importante, em uma estrada muito concorrida, mormente n'esta época, em que a maior parte das familias de Lisboa vivem no campo, fosse praticado um crime com circumstancias tão salientes, sem que ficassem indícios, sem apparecerem vestigios dos auctores de tão infame attentado.

O facto dá-se, porém, e apesar de todas as diligencias policiaes continua na sombra e no mysterio esse horroroso attentado.

Em um moinho, na serra de Monsanto, descobriu-se tambem o cadaver de uma mulher assassinada.

Foi um pastor que veio revelar á policia a existencia d'esse crime. O criminoso, que dizem ser o marido da victima, é um trapeiro, que não pôde ser ainda capturado e que está escondido na Tapada da Ajuda, onde a policia já fez umas poucas de batidas, sem resultado, porque é difficil a exploração de umas furnas, que existem n'aquelle recinto.

As folhas das provincias teem dado conta de identicos crimes e tudo isto é um symptoma terrivel da nossa decadencia moral e da pouca illustração do nosso povo.

Pedimos a escola como unico remedio contra estas aberrações do coração humano.

×

Um pavoroso incendio reduziu a ruinas o Chalet do Rato, que era o local preferido das diversões populares.

Um homem emprehendedor e laborioso tinha mandado construir esse chalet-theatro, onde trabalhavam artistas modestos e de merecimento, que davam espectaculos, apropriados ás classes que os frequentavam.

No mesmo local existiam outras construcções onde estavam installados os restaurantes, os cafés, os bilhares e outras diversões, que eram muito concorridas, porque alliam á economia dos preços todas as commodidades, requeridas em estabelecimentos d'aquella ordem.

E tudo isso desapareceu em poucas horas,



não lhe valendo os socorros rapidos nem a dedicação do corpo de bombeiros, que fizeram todos os esforços para dominarem as terriveis labaredas, que deixaram em cinzas aquellas elegantes construcções.

×

Grande numero de professores de instrucção primaria vêem-se obrigados a recorrer á caridade publica para não morrerem de fome.

Isto é mais que uma vergonha é o descredito nacional!

O governo tem restricta obrigação de attender aos clamores d'aquelles desgraçados, que pedem o pagamento de uma divida sagrada, ou abonando dos cofres do Estado a quantia de que elles são credores, ou coagindo os municipios caloteiros a cumprirem os seus deveres de honra.

Elles, os pobres professores, merecem mais que os outros funcionarios publicos, que têm pingues ordenados em troca de insignificantes serviços, em quanto elles recebem em troca do seu improbo labor uma remuneração ridicula e mesquinha.

Elles, os pobres professores, têm jus ás mesmas regalias que disfructa o professorado superior e, como elle, devia merecer aos poderes do estado a mesma protecção e a mesma solicitude.

Não acontece assim, infelizmente.

O professor de instrucção primaria é um pária, é um desprotegido, é um orfão sem tutella official, sem protecção dos governos e sem a consideração dos municipios.

Contra isso clamaremos sempre, pedindo ao poder central a protecção e a consideração, devidas aos ostiarios do templo da instrucção.



## DESCRIPÇÃO DAS NOSSAS GRAVURAS

A NOSSA primeira gravura representa a rua da Legação de França, na cidade de Peking.

A capital da China é uma grande cidade, cujo perimetro é de trinta e dois kilometros.

Para fazer-se uma ideia das dimensões e da topographia d'essa cidade, imagine-se uma ellipse irregular, na qual se inscrevesse um rectangulo.

A ellipse representaria a linha fortificada e o rectangulo o perimetro das dimensões referidas.

Segundo a descripção, que temos á vista, feita por M. F. Choutzé, o aspecto geral de Peking é deslumbrante.

As ruas são amplas e espaçosas, os edificios magnificentes, as obras d'arte admiraveis e a residencia imperial um assombro.

Apesar de todas essas riquezas, a população vae de anno para anno decrescendo e hoje achase muito reduzida, attribuindo-se isso á emigração permanente dos filhos da corte, que por falta de meios vão procurar fortuna, fóra do cinto de muralhas, que cerca a grande capital.

A rua da Legação de França, representada na nossa gravura, é uma extensa avenida, que tirou o seu nome de palacio, em que estão installadas as repartições e a residencia do representante da grande republica.

×

A nossa segunda gravura representa o typo caracteristico dos filhos da Grã-Bretanha.

Esse typo é um producto do cruzamento da raça germanica com os povos celticos, typo que corresponde a essa mescla de raças.

As cabeças têm uma fórma alongada, que as distingue das cabeças quadradas dos allemães, a pelle é clara e transparente, os cabellos louros, as fórmulas elegantes, e talho esbelto, o passo pesado e a physionomia austera e grave.

O inglez, segundo a phrase feliz de Figuier, tem a fronte espaçosa do pensador, mas faltam-lhe os olhos rasgados do artista.

Pelas nossas relações commerciaes e pela nossa posição geographica, estamos habituados a vêr e a tratar esses homens sympathicos e musculosos, que se distinguem por uma qualidade moral que os torna em toda a parte respeitaveis — a honradez.

×

A terceira gravura representa o typo actual dos povos gregos, descendentes dos Pelasgios.

Não ha no mundo cabeças tão perfeitas, como as dos homens e das mulheres d'aquella região.

Os modelos da antiga estatuaria, esses modelos, que hoje são tão apreciados, eram copidos do natural e comparados com os gregos actuaes facilmente se verifica a sua authenticidade.

Testa espaçosa, intervallo interocular muito desenvolvido, nariz recto ou ligeiramente aquilino, olhos grandes e rasgados, guarnecidos de abundantes cilios, supercilios arqueados, labio superior curto, a bocca pequena e bem contornada e o queixo saliente e arredondado.

São os exemplares mais perfeitos da raça humana.

×



A nossa ultima gravura representa o pavilhão Éste, no pateo da Legação de França, em Pekin.

O Palacio da legação foi antigamente o palacio Tsigue-kong-fou, cedido à França em 1861 e reconstruido por aquella nação para residen-

columnatas, formando varandas decoradas com brilhantes pinturas.

Os estrangeiros que visitam o palacio da Legação Franceza ficam maravilhados com os primores artisticos que alli se encontram.

## MINIATURAS

INFANTE D. FERNANDO

**F**oi o quarto filho de D. João 1 e de D. Filippa de Lencastre.

Por ser o mais debil de todos os filhos do rei de *boa memoria*, era aquelle por quem sua mãe mostrava mais predilecção.

Desejoso, como seu irmão o infante D. Henrique, de grangear um nome illustre pelos seus feitos, associou-se a este para proporem ao rei, que então já era D. Duarte, a conquista de Tanger.

Depois de muitas indecisões o monarcha accedeu ao pedido e aprestou-se a expedição.

N'este exercito, apesar de commandado por dois filhos de D. João 1, e entrar n'elle uma boa parte da fidalguia portugueza, não se notava o ardor bellico d'aquelle, que foi arvorar em Ceuta o pendão das quinas.

Os resultados foram por tanto os mais desgraçados que se podem imaginar.

Cortadas as communicações com a esquadra, cercados e batidos por todos os lados, morrendo de fome e de sede sob o ardente sol africano e perdendo muita gente nos dois assaltos, que se deram á praça de Tanger, os portuguezes capitularam.

Um dos artigos da capitulação dispunha a entrega da praça de Ceuta, ficando em refens o infante D. Fernando.

Chegada a expedição a Portugal, o conselho de Estado decidiu que se não sacrificasse a população de uma cidade christã á salvação de um só homem.

Dizem que o proprio D. Fernando do fundo da sua prisão em Arzilla escrevia a seu irmão D. Duarte apoiando a deliberação do conselho.

Em vista d'esta decisão o infante foi transferido, no dia 25 de maio de 1439, para Fez, onde o regente Lazuraque o mandou encerrar em um dos andares superiores de uma masmorra, na



O INGLEZ

cia dos seus representantes e instalação das respectivas repartições.

O portão de honra do palacio é uma obra d'arte notavel e dá entrada para um grande vestibulo, que serve de communicacão para o jardim, onde ha esplendidos kiosques, que são outras tantas residencias independentes.

O pavilhão Éste, fica n'esse vestibulo e é, como se vê da gravura, um grande edificio com



qual não entrava um raio de luz, sendo mais tarde obrigado a varrer e limpar as cavallariças.

Começaram, então, os grandes martyrios, que D. Fernando soube soffrer com stoica resignação.

Trabalhava, desde a aurora ao pôr do sol, como o mais infimo dos escravos e eram escolhidos para elle os mais rudes trabalhos.

Na hora em que o trabalhador recolhe à sua humilde choupana, contente e feliz por se vêr rodeado pela mulher e filhos, que o saudam risonhos, D. Fernando transpunha o limiar da infecta masmorra, carregado de ferros, onde o esperava um pedaço de pão duro e negro e uma bilha cheia d'agua salobra!

Não podendo resistir a tantas provações, o martyr entregou a alma ao creador na tarde de 5 de junho de 1448, conservando até aos ultimos momentos toda a lucidez do seu espirito, nobre e esclarecido. O seu cadaver foi despido e enforcado nas muralhas de Fez, onde esteve quatro dias exposto aos insultos da plebe.

Vinte e sete annos depois, D. Affonso v trouxe à patria os ossos d'este heroe, sem egual na historia, depositando-os no convento da Batalha.

Quando morreu espalhou-se entre os captivos christãos a fama da sua santidade e o proprio Lazuraque dizia: Se entre os christãos podesse haver alguns bons, era este um d'elles e seria um grande santo se conhecesse o nosso propheta.

ROGERIO DE VILLAMAIOR.

### CARTEIRA UTIL

**N**ós desejavamos corresponder às exigencias da epigraphe d'esta secção, e como somos egoistas, pedimos às nossas gentis e espirituosas assignantes algumas receitas em troca do delicado manjar, que vamos ensinar-lhes a fazer. Eil-o.

Depennam-se as perdizes, abrem-se, tiram-se-lhes os intestinos, lavam-se, introduz-se-lhes na cavidade do peito um ramo de salsa e uma pouca de pimenta, uma cebolla e os miudos das aves, e isto tudo em quanto se põe a derreter ao lume, n'um tacho, novo, vidrado, uma colher

bem cheia de manteiga de vacca, de boa qualidade.

Quando o tacho chia deitam-se dentro as perdizes, assim preparadas, e em lume brando e espreitando sempre para que não tostem, vão-se



TRAGES GREGOS MODERNOS

virando até que fiquem por igual douradas e bem lourinhas.

Então deita-se-lhes a agua necessaria para que cosam, de maneira que essa agua fique redusida a pouca calda.

Tiram-se do lume, pizam-se os figados as moellas e a salsa e a cebolla, que se introduziram na cavidade thoraxica, mistura-se a essa massa um calix de vinho branco, bom, e a calda que



ficou do refugado e torna tudo ao lume, por um momento só e serve-se bem quentinho.

Que delicia!

UM GULOSO.

## ALBUM

### OS FERREIROS

O' vultos varonis, resplandcentes  
ao rutilar fecundo do trabalho,  
que á pobreza buscastes agazalho  
nas forjas inflammadas e candentes;

Sois os Messias, que ensinaes as gentes  
a despir do passado o vil frangalho;  
rompe um sol cada vez que tomba o malho.  
porque sois outros tantos orientes.

Fazei rolar a esplendida cascata  
do trabalho incessante pelas vasas  
das rochas da materia a progredir;

que essas chispas ardentes, que desata  
vossa bigorna, orvalho são de brasas  
para a flôr luminosa do porvir!

AUGUSTO LIMA

### REVISTA DOS THEATROS

#### BENEFICIO DE MANOEL MOURISCA

**A**VELHA praça do campo de Sant'Anna rejuvenesceu no dia da festa artistica do exímio cavalleiro Manoel Mourisca.

Apesar de ser dia de trabalho não escassearam espectadores no sol e os camarotes e a sombra estavam apinhados.

O nosso publico sabe ser galante para os seus artistas predilectos e este beneficio tinha, além dos attractivos do torneio, a recommendação especial de ser em favor de um homem, que tem estado impossibilitado de trabalhar, em virtude de um rasgo de philantropia, proprio do seu levantado character e das sua generosa indole.

A festa foi em tudo digna do publico e do beneficiado.

Curro excellente, os artistas primorosos nos seus trabalhos e José Bento d'Araujo arrojado e feliz, como poucas vezes o temos visto.

No intervallo, Mourisca appareceu na praça encostado ás mulétas. Não se pôde descrever o enthusiasmo, com que foi saudada a sua appareção.

De todos os lados irrompeu uma aclamação unisona e accorde e quando elle desenrolou uma bandeira em que se lia — Peditorio a favor das

victimas do incendio de Caparica — foi um delirio de bravos e uma chuva de dinheiro.

Suas Magestades que assistiam ao espectaculo mandaram á praça o sr. marquez de Alvito entregar a Manoel Mourisca uma inscripção de um conto de reis e o diploma de picador da Casa Real.

Foi um acto de regia bizzarria, que o publico soube comprehender e aquilatar, saudando enthusiasmicamente os Monarchas, que são sempre os primeiros a dar o exemplo, em todas as circumstancias, que exijam a demonstração cathorica d'essa virtude christã, a que se chama — Caridade —.

Temos prazer em registrar esses actos e em fazer justiça ás virtudes dos nossos reis, que sabem assim conquistar o amor dos seus subditos e o respeito nacional.

## POR UM BEIJO

### ROMANCE DE ERNESTO CAPENDU

#### II

#### Na Opera!

(Continuado do numero antecedente)

**D**EPOIS de ter servido de brinquedo ao mar irritado, como dizem os poetas, aparamos a Kougan. Ancorado o navio cuidamos de reparar as avarias. O paquete das Indias chegou n'essa occasião trazendo-me cartas. Uma d'ellas annunciava-me o futuro casamento de uma parenta minha, á qual eu tinha promettido alguns milhares de libras no dia, em que ella encontrasse um marido da sua escolha. Esperavam-me para a celebração do matrimonio e fiz-me ao mar em direcção a Inglaterra. Como tinha pressa, escolhi a derrota mais curta. Voltei ao mar Vermelho onde deixei o meu navio, atravessei o isthmo de Suez e embarquei no paquete de Marselha e cheguei a Londres no pino do inverno. O neveiro encommodava-me tanto que tratei de casar a minha parenta e fui para Paris. Infelizmente ahi esperava-me uma nova decepção.

— Que decepção? perguntou vivamente a marquez.

— O creado, que me tinha precedido, alugara-me uns aposentos no *boulevard* dos Italianos, mas o frio era intenso e não havia n'elles os fogões indispensaveis. Isso contrariou-me tanto que resolvi sahir immediatamente da capital do



mundo civilizado, como dizem os idolatras da grande cidade. Mas como é uma exigencia de bom gosto passar alguns dias do inverno em Paris e como eu não queria passar outra vez por taes provas de desconforto, mandei chamar um architecto que encarreguei de procurar local apropriado para edificar-me um palacio com todas as commodidades, e dando-lhe um credito illimitado sobre o meu correspondente, parti para o Egypto. Quinze dias depois almoçava em Alexandria e na semana seguinte estava a bordo do meu yacht. Lembrei-me então de fazer obras na minha residencia do Cabo. Estava n'essa época, como v. ex.<sup>a</sup> vê, com a mania das edificações. Segui a costa oriental d'Africa, visitei na passagem dois ou tres gentlemen das minhas relações em Madagascar e cheguei finalmente, são do corpo e da alma, á ponta do velho continente. O Cabo é inquestionavelmente uma cidade encantadora e, quando qualquer companhia intelligente emprender atravessar a Africa com uma via ferrea, será o ponto de reunião de milhares e milhares de *touristes*.

—É d'essa cidade que v. ex.<sup>a</sup> acaba de chegar? perguntou Regina.

—Sim, respondeu Roberto com a intonação de quem não ligava importancia alguma a tal viagem.

—Sabe, mylord, replicou a marquez, brincando com o *bouquet*, que admiro a sua paixão pelas viagens? Pelo que sei são já tres as viagens, que v. ex.<sup>a</sup> tem feito em volta do mundo e não ha ponto do globo, que lhe seja desconhecido, segundo creio.

—Que havia eu de fazer, se não viajasse?

—Mas se o acaso o tivesse feito nascer pobre como acontece a tanta gente?

—Seria marinheiro.

—Seriamente?

—Sem duvida alguma. Sempre considereei a terra como um jardim dado ao homem por Deus. Absurdos são os que se deixam viver a um canto e não o passeiam todo. Creia-me v. ex.<sup>a</sup>, eu tenho menos orgulho que a maior parte dos meus semelhantes e vejo as coisas, como ellas são.

—Não comprehendo.

—Eu explico-me. Os homens são os exageradores ridiculos das suas proprias obras. Elles chamam viagem a um pequeno passeio em volta do pequenino grão d'areia, a que se chama — a terra. Para se engrandecerem a si proprios principiaram por exagerar a grandeza do seu planeta, que dividiram em cinco partes. Quando

penso n'isto lembro-me sempre da historia de Sancho Pança. A marquez não ignora de certo o caso d'aquelle alfaiate, a quem deram um pedaço de panno para fazer um capuz e elle, por um meio engenhoso, em vez de um fez cinco, mas tão pequeninos que mal serviam para cobrir a ponta de um dedo. Os homens são como o tal alfaiate. Em logar de se contentarem com os cinco insignificantes retalhos da terra, dividiram-os ainda em imperios e reinos. V. ex.<sup>a</sup> acredita que Deus creou o mundo para que os habitantes praticassem taes loucuras? Pensar n'isso seria desconhecer a intenção divina. Deus não disse ao homem: Fica onde nasceste! Pelo contrario disse-lhe: Faz como fazem os outros animaes, caminha; e a prova d'isso está em que elle mandou expulsar Adão e Eva do paraíso por elles se demorarem muito tempo nas margens do Euphrates.

—Então v. ex.<sup>a</sup> é o unico homem que pensa bem, não se demorando nunca em parte alguma?

—Evidentemente.

—Ora eis ahi explicada a sua monomania locomotora.

—Como tirou essa conclusão?

—Simplesmente. O sr. estava agora racionando acerca de um facto consummado. A sua segunda viagem foi consequencia da primeira, mas qual foi a causa d'esta?

—Não comprehendo.

—Sir Williams, o sr. comprehende-me perfeitamente. Já me contaram coisas espantosas da sua mocidade. O sr. tentou por quatro vezes suicidar-se. É verdade? Não responde! Receia que eu desenvolva a theoria das causas e dos effeitos?

—Não receio, marquez, mas antes dê-me licença para contar-lhe uma anedocta.

—Estou ouvindo.

—Já lá vão cinco annos. Eu estava então em Genova, essa caverna de gente honrada, como lhe chama lord Byron. Eu aborrecia-me espantosamente e para distrahir-me inscrevi-me, como membro, n'uma sociedade de sabios. Eu gosto de estudar todas as especies de loucura, e a do homem, que imagina saber, é muito original, posso affirmal-o. Em uma noite de sessão, um dos socios chegou esbaforido e disse: Meus senhores, agora mesmo me propozeram um problema estranho e imprevisto e cuja solução é superior a toda a nossa sciencia. Eu vou propol-o tambem, e submettel-o á vossa sabia approvação.

(Continúa.)



## EXPEDIENTE

**T**EMOS recebido diversos exemplares de composições litterarias, ultimamente publicadas, e apressamos-nos a agradecer-as, já pela delicadeza da offerta, já pelo merecimento de algumas d'essas publicações.

A redacção da *Illustração Popular* não limita porém a estas simples palavras o seu agradecimento. Hade, em uma secção especial, fazer a critica d'essas produções, com o desassombro de quem tem opinião propria e com a independencia de quem vive tão affastado dos centros litterarios, que não conhece os homens senão

pelo que elles realmente valem, pelo seu verdadeiro merito.

A escola do elogio mutuo tem exercido uma malefica influencia na orientação mental das gerações modernas.

As cartas-prologos dos patriarchas da litteratura são o reclame de centenaes de futilidades, que ahi se publicam com manifesto escandalo para o bom senso e para a grammatica e quasi sempre acontece que do livro o unico trecho util e aproveitavel é o prefacio, que não é do auctor.

Contra esse systema nos insurgimos e exporemos francamente a nossa opinião.



PAVILHÃO ÉSTE NO PATEO DA LEGAÇÃO DE FRANÇA, EM PEKIN

## PASSATEMPO

## PROBLEMA

N'uma casa de pasto juntaram-se um dia para jantar um certo numero de homens e de senhoras. O jantar de cada homem importava em 800 réis e o de cada senhora em 700 rs.

Pergunta-se: quantos eram os homens e as senhoras na hypothese de ser 317.000 réis a despeza do jantar?

ROGERIO DE VILLA MAIOR.

## PERGUNTA INNOCENTE

Em que seria, leitor,  
Que minha mãe Dorotheia  
Se pareceu uma vez  
Com uma velha candieia?

Vizeu.

O PEQUENO ANTONINHO.

## CHARADA

Embarcada sempre ando—1  
Jámais fui particular—3.

Muito povo me aclama  
Com vontade de reinar.

ZE FUNÉ.

## ENIGMA

N	S	A	S	P	N	F	H
1	2	4	1	3	1	2	3

CARMO E SOUSA.

Explicação do logogrifho do n.º 8—MARGARIDA.  
Explicação da charada do n.º 8—COTOVELO.